

O ativismo de bordadeiras políticas no Brasil

Maria Eduarda Batalha Lima

Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília

Como citar este relatório: Lima, Maria (2025). “O ativismo de bordadeiras políticas no Brasil”, Relatório de Pesquisa 15 do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, Brasília, 04 de setembro, disponível em: <http://repositoriomobilizacovid.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

Introdução

O bordado é algo antigo, que transcende gerações, culturas e fronteiras. Ao longo da história foi uma expressão de arte silenciosa a ser realizado dentro de casa e tipicamente ensinado de mães para filhas. Serviu como uma expressão de feminilidade e de ocupação para diversas mulheres, e era uma forma de avaliar se estariam prontas para se casarem e seguir seu ofício de donas de casa. Com o passar dos anos, surgem casos em que mulheres passam a vender seus bordados, fazendo com que ganhem um complemento para sua renda familiar ou até mesmo se tornem principais fornecedoras. Porém, mesmo nos casos que o bordado se afasta da lógica de artesanato cujo intuito é ocupar o ócio feminino de donas de casa, ele segue tendo esse caráter ancestral remetendo a família e ao feminino.

Por ter esse caráter de representar a “mulher ideal” e “prendada”, o bordado pode ser visto como algo que reforça a opressão feminina, se opondo aos ideais buscados nas lutas dos movimentos de mulheres. Porém, nos últimos anos se notou o surgimento de coletivos que utilizam o bordado como ferramenta para se manifestar politicamente. Se juntando em lugares públicos, diversos grupos de mulheres começaram a bordar suas agendas sociais e políticas, expondo e distribuindo seus bordados. Elas transformam as percepções tradicionais do bordado como símbolo de submissão e revelam um novo caráter transformador.

O presente relatório traz a história e formas de manifestação do movimento social de bordado político no Brasil, que desde 2017 vem bordando pautas sociais e homenagens para aqueles que são vítimas de violência política. O que desperta interesse em estudar esses coletivos é justamente a escolha do objeto que usam para se manifestar, pois é uma forma de expressão que à primeira vista representaria valores opostos àqueles defendidos e as noções de afeto compartilhadas entre as ativistas, que são mulheres aposentadas que encontram no bordado uma forma de manterem a vida social e política ativa.

A pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: Por que escolher o bordado como objeto de manifestação? O que pode se alcançar com esse tipo de manifestação?



De que forma o afeto influencia o movimento? Como se deu as manifestações do movimento durante a pandemia?

Metodologia

O trabalho trata-se de um estudo de caso qualitativo sobre o ativismo realizado por bordadeiras políticas no Brasil. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com integrantes dos coletivos, em que os objetivos foram compreender perfil das bordadeiras e observar semelhanças entre cada uma, entender quais são as causas e o motivo de se manifestarem especificamente a partir de bordados e descobrir a relevância e objetivo de cada grupo, observando seus tamanhos e formas de organização, além de observar suas relações internas com outras integrantes e com o público alvo.

Ao total foram 10 bordadeiras entrevistadas de 6 coletivos diferentes, sendo esses: Linhas da Gamboa, Linhas da Resistência, BordaLuta, Linhas do Rio, Linhas de Sampa e Linhas do Horizonte. As entrevistas foram realizadas via videochamada por meio da plataforma Microsoft Teams, com exceção do coletivo Linhas da Resistência, em que foi possível entrevistar participantes presencialmente e realizar observação-participante em seus encontros. A maioria das entrevistadas apresentavam um perfil similar, mulheres brancas de classe média aposentadas, havendo exceção de uma negra e uma não-aposentada. Como forma de não ferir seu anonimato, não foram citados nomes das entrevistadas, sendo referidas apenas por entrevistada 1, 2, 3 (...).

O surgimento do bordado político no Brasil

O bordado político, ao que o nome já indica, são bordados com temas políticos. Podem ser feitos tanto em homenagem a alguém, como em favor ou em oposição a algo ou uma causa. Recentemente surgem diversos coletivos que têm como objetivo se unir para bordar em torno de pautas de esquerda.



Várias entrevistadas afirmaram que o primeiro coletivo de bordado político no Brasil é o Linhas do Horizonte. Surgido em Belo Horizonte em 2016, este inspirou diretamente o surgimento dos demais coletivos. Nesse período, enfrentavam um momento de grande efervescência política, em que muitas das mulheres que hoje integram o coletivo estiveram presentes em greves secundaristas fazendo arrecadações de mantimentos. Dessa forma, uma entrevistada expôs que durante uma conversa sobre outro tema que estava sendo muito falado na época – a misoginia direcionada a então esposa do Presidente Lula, Marisa Letícia – resolveram procurar uma forma de homenageá-la. Com isso, acabou surgindo a ideia de fazer um grande bordado composto por outros pequenos bordados realizados por diferentes mãos.



FIGURA 1: Página da Gleisi Hoffmann no Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/gleisi.hoffmann/photos/a.138762686300993/795310423979546/?paipv=0&eav=AfYMSfSq8HyxZ2j5H_Ei2RvGsDi2b8srFJLAOHLWtuYtNMqu9k8maGwgsXYwmNdc5IY&_rdr. Acesso em 03 out. 2023.

Infelizmente, só conseguiram terminá-lo após o falecimento de Marisa, e o bordado foi entregue ao próprio presidente Lula em julho de 2017. Após essa homenagem, se sentiram inspiradas a realizar ações similares e fizeram um bordado para homenagear a ex-presidenta Dilma Rousseff, que além de receber diversos ataques misóginos na mídia estava sofrendo o processo de impeachment. A homenagem a presidenta foi bordada por mulheres que estiveram presas com ela no



Presídio Tiradentes durante a ditadura militar, também conhecido por Torre das Donzelas.

Após essas homenagens, as mulheres envolvidas reconheceram a força e potência política de seus bordados, e resolveram criar seu coletivo. Segundo o depoimento de várias entrevistadas, a proposta é explorar a expressão artística do bordado em conexão com diversas causas sociais, indo além dos bordados de homenagem. Nesse contexto, as envolvidas se unem para ocupar espaços públicos e bordar nas ruas, atraindo a atenção de quem passasse por ali, e nasce o que chamam de “BordAção”, brincadeira de palavras que se refere a ação política. Também criam o conceito inovador de “bordado panfletado”, que diferente do panfleto convencional de papel, esse método utiliza tecido, consistindo em pequenos bordados temáticos distribuídos pelas ruas e durante manifestações (Entrevistada 4, 2023)

Uma das entrevistadas desse coletivo afirma que a atuação política com o bordado é uma forma de ter a consciência mais leve, já que consegue lutar contra injustiças dentro de seus próprios limites. Ela define a relevância de sua atuação como algo voltado à conscientização do restante da população, que muitas vezes ignora ou não enxerga problemas sociais que atingem milhares de pessoas.

Inspiradas pelo trabalho feito pelo coletivo Linhas do Horizonte, vão surgindo outros diversos coletivos em outras cidades, como o Linhas de Sampa em São Paulo, o Linhas do Rio e Linhas da Gamboa no Rio de Janeiro, o BordaLuta e Linhas da Resistência no Distrito Federal, entre outros. Conforme relatado nas entrevistas, os coletivos seguem o mesmo modelo de atuação política: se unem para confeccionar os bordados em algum lugar público e se mantêm abertas para estabelecer diálogos com quem passar por ali e quiser conhecer mais sobre o coletivo e as pautas defendidas, se diferenciando apenas em ações mais pontuais. Portanto, enxergam no bordado uma forma de conscientizar o restante da sociedade.

Hoje eu tenho absoluta certeza que todas as pessoas devem ter no mínimo um pouco de consciência política, e é uma coisa que eu quero fazer muito é levar a consciência política para as pessoas. É absolutamente relevante ter conhecimento sobre política. Eu era uma jovem alienada, não me envolvia muito, e hoje vejo que errei e quero que os jovens se envolvam mais (Entrevista 9).



Tal como é trazido dentro da literatura de movimentos sociais, se vê aqui um exemplo de como indivíduos vão construindo sua ação coletiva como consequência de propósitos compartilhados em relações sociais dentro de um sistema. Diferentes mulheres com objetivos comuns estavam buscando uma forma que pudessem se manifestar politicamente sem ultrapassar seus limites pessoais, e assim, construíram uma comunidade de bordadeiras com ideologias e vivências similares que se uniram em torno de causas em comum.

Características dos coletivos

As entrevistadas afirmam que sua forma de se manifestar politicamente se destaca em relação a outras por carregar consigo seu lado artesanal, ancestral e afetivo, e que os bordados expostos chamam a atenção de quem os vê, consequentemente trazendo atenção à causa que estiver sendo retratada nele. E no caso dos pequenos bordados panfletos, estes se diferem fortemente dos panfletos de papel, já que os de papel são distribuídos em enormes quantidades e na maioria das vezes acabam parando no lixo, e segundo as entrevistadas, o panfleto bordado desperta uma espécie de vínculo afetivo por aquela arte, pois devido ao histórico de tradição familiar do bordado, ele se aproxima de memórias familiares afetuosas, o que leva as pessoas a guardarem aquele bordado que lhes presenteado e cria curiosidade acerca do tema.

Dessa maneira, o bordado deixa de ser um trabalho artesanal ligado ao lar para tornar-se uma forma de comunicação visual engajada, incorporando-se ativamente ao espaço público, desafiando a lógica de objeto que pertence ao lar e alienamento feminino que popularizou a prática. As integrantes dos coletivos não apenas bordam como forma de arte e como um meio de disseminar mensagens específicas relacionadas a diversas causas sociais, e essa ocupação de espaços públicos e a distribuição dos bordados panfletados cria um diálogo visual que estimula reflexões e desperta a consciência das pessoas em relação às questões abordadas.

Além de superarem as fronteiras entre o público e o privado, as bordadeiras afirmam que inovam dentro de suas técnicas, optando pelo bordado livre em vez de



seguir formas específicas. A Entrevistada 1 faz questão de enfatizar que o bordado que fazem não é o mesmo que faziam antes; não se prendem a perfeição, e sim ao objetivo de passar uma mensagem. Ela afirma que esse formato acaba atraindo mais pessoas para compor os grupos, pois muitas ao se aproximarem dos coletivos se sentem inseguras por não possuírem habilidades prévias com a técnica.

Em adição, afirmam que o bordado as permite passar ideias através da arte, que é algo que toca profundamente as pessoas. A entrevistada 5 afirma que a importância do bordado político também está ligada à valorização da arte, que sofreu muitos ataques do ex-Presidente Jair Bolsonaro com seus posicionamentos contra a arte. Menos trazendo menor importância ao lado estético, não negligenciam o lado artístico, uma vez que a beleza dos bordados desempenha um papel crucial em atrair atenção para seus coletivos e suas causas.

Identidade coletiva e o papel do afeto

Todos os coletivos mencionados fazem questão que sejam identificados no espectro político de esquerda. Costumam contar com cerca de até 10 participantes mais ativas, e grupos no WhatsApp que variam de 40 a 80 pessoas que participam eventualmente de alguma atividade ou se juntam para bordar. São compostos por mulheres de classe média, em sua grande maioria já aposentadas, que tiveram ou não envolvimento político quando mais jovens. Elas relatam que encontraram no bordado uma forma de ativismo “calmo”, que além de ser uma forma de se ocuparem, as permite se manter ativas politicamente e engajar em torno daquilo que defendem.

Como dito anteriormente, são mulheres de esquerda, e estas salientam não serem radicais e nem partidárias, apesar da maioria ter um vínculo forte com o Partido dos Trabalhadores, sendo que algumas das entrevistadas já foram filiadas e uma delas até vereadora pelo partido. No geral, os bordados não giram em torno de pautas únicas, mas sim pontuais, como em datas específicas como o Dia da Mulher, Dia do Trabalho, Dia do Orgulho LGBTQIA+, entre outros, e quando algum tema está sendo muito tratado na mídia.



Nota-se que assim como teorizado por Melucci (1995), as integrantes do coletivo mostram como é possível produzir sua ação coletiva a partir da definição dos ideais do grupo, o que as permite manter sua identidade coletiva, mantendo continuidade do movimento e atraindo novas integrantes.

Além de suprir essa ânsia por se manifestar politicamente, as entrevistadas relatam que os coletivos também as ajudam a ter uma vida social mais ativa, já que as faz sair de casa, criar vínculos e socializar com diferentes pessoas.

Eu acho que é importante para as pessoas que chegaram na minha idade poder saber que é possível construir novas amizades. Isso foi uma coisa muito interessante, porque os coletivos também são uma forma de encontrar os seus parceiros, né? Porque eles estão todos aí, né? Basta você ficar disponível para encontrar. Ele vai acabar encontrando quem são aqueles seus irmãos de alma, seus parceiros e pessoas que você vai falar e vai ser ouvido e tal (Entrevista 7).

Trazendo o conceito de repertório de Tilly (2008), em que diversas performances compõe o repertório de uma ação, pode-se entender os diferentes bordados como performances diversas que juntas vão compondo a identidade coletiva do movimento. As performances também precisam se adaptar a rotina dos ativistas, e no caso das bordadeiras criam uma forma de performance especificamente voltada para seus estilos de vida. As Bordações, nome que dão para a prática de bordar em público em que destacam a palavra “ação”, permitem interagir com outros ativistas e manterem uma vida social e política, porém sem trazer riscos para si mesmas, é uma forma de se manifestarem passivamente e que acaba sendo mais confortável levando em consideração suas idades e rotinas.

Portanto, o investimento emocional traz aos atores o senso de pertencimento, criando uma comunidade de afeto entre as ativistas. Da mesma forma que se apoiam em tradições femininas afetuosas e se fortalecem pela amizade para a criação de sua identidade coletiva (Taylor; Rupp, 2002).

Nenhum dos grupos relatou vender bordados, apenas aceitam doações. O único caso de venda foi do Linhas do Horizonte, em que um museu de Madrid



solicitou um bordado, e aceitaram, pois, traria maior visibilidade para o grupo. Assim, o dinheiro recebido fica reservado para o coletivo e compra de materiais.

A gente nunca vende o trabalho, sempre damos para as pessoas como presentes. E como estamos inseridas em uma sociedade capitalista, em que tudo vira mercadoria, há um espanto das pessoas de receberem uma coisa no meio da rua. Receber alguma coisa de presente que não se precisa pagar e que não tem nenhum valor estipulado para ela é algo fora do comum, então sempre perguntam quanto custa e se podem dar uma contribuição monetária (Entrevista 7).

O simples fato de não venderem seus bordados demonstra essa característica de autocuidado e cuidado entre as ativistas, pois buscam tocar os sentimentos das pessoas sem exigir nada em troca. Conforme relatado nas entrevistas, as bordadeiras buscam mostrar a potência que a solidariedade e empatia carregam, fazendo política de forma pacífica e desafiando o individualismo imposto dentro da sociedade capitalista.

Quando questionadas sobre a presença de homens em coletivos de bordado político, muitas responderam que já viram em outros coletivos, no entanto, durante a pesquisa, não foi observada a participação de nenhum homem nos coletivos entrevistados e nem naqueles que possuem páginas na internet. Dentre entrevistadas que desconheciam homens bordadeiros, afirmaram que quando homens tentam se envolver, a percepção que elas têm é de que eles "não dão conta", indicando uma dificuldade em se comprometer totalmente. Todas as entrevistadas enfatizaram que não têm objeções à participação masculina, mas observaram que os coletivos tendem a ser totalmente compostos por mulheres devido à relutância ou desistência frequente dos homens que tentam se envolver, resultando em seu afastamento.

a questão feminista fica muito forte dentro do bordado, porque normalmente são mulheres bordando, né? No nosso grupo só existem mulheres, não tem nenhum homem que faça parte do grupo, não porque a gente não permita, mas porque eles não se chegam (Entrevista 9).



O ativismo durante a pandemia da COVID-19

A pandemia da Covid-19 é um momento interessante para se observar o movimento social de bordado político, pois por se caracterizar por sua presença nas ruas, nota-se que tiveram necessidade de buscar outros métodos para se manifestar. Além do próprio formato das manifestações, também surgem pautas específicas ligadas à agenda política daquele momento.

Esse momento demandou uma pausa dos encontros semanais dos coletivos para bordar nas ruas, porém, não deixaram de se mobilizar. Assim, as entrevistadas relatam que precisaram repensar formas de atuar politicamente e então suas manifestações começaram a ser feitas principalmente via redes sociais, a partir da publicação de imagens dos bordados. As pautas costumavam envolver os temas debatidos no momento, como a defesa do isolamento social e das medidas sanitárias, demanda por auxílio emergencial e vacinação gratuita para todos, valorização do Sistema Único de Saúde, entre outros.

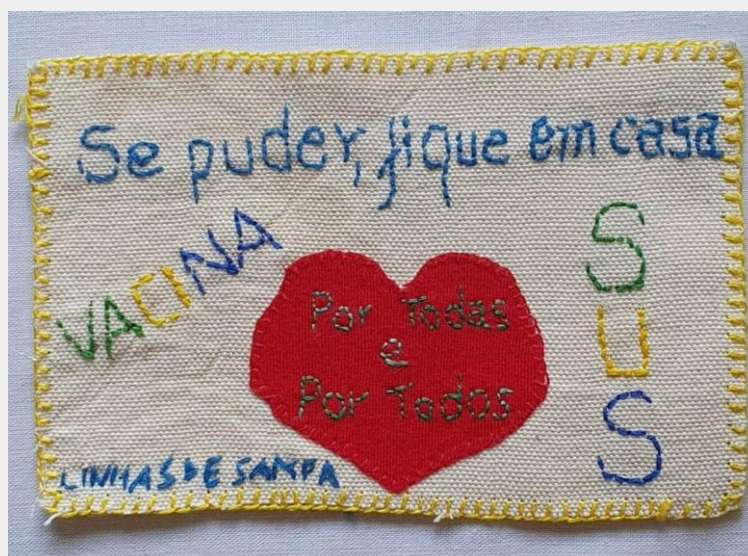


FIGURA 2: Página do Instagram do coletivo Linhas de Sampa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMW4q-SHOnK/?igshid=MzRlODBiNWFlZA==>

No momento que as pessoas voltam a ocupar as ruas em manifestações que pediam o impeachment do então presidente Jair Bolsonaro e surgiam gritos como o “comida no prato e vacina no braço”, os coletivos de bordadeiras se fizeram presentes expondo seus bordados.





FIGURA 3: página do Instagram do coletivo Linhas do Horizonte. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgrmOdBuw7e/?igshid=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D>

Em março de 2021, quando o Brasil alcançou a triste marca de 300 mil vidas perdidas devido à pandemia de covid-19, o coletivo Linhas do Rio lançou um projeto intitulado "Memória não morrerá". Conforme relatado pela Entrevistada 10, o projeto consistiu em costurar nomes de vítimas, similar ao que foi feito no memorial de Quilts sobre a AIDS. O objetivo foi sensibilizar a população de que esse número não representa meramente uma estatística, mas sim indivíduos que perderam a vida em consequência da negligência do governo perante uma crise sanitária, e que há milhares de familiares e pessoas próximas sofrendo com suas perdas. Estiveram envolvidos coletivos de diversos lugares do Brasil, sendo eles: Linhas do Horizonte (Belo Horizonte), Linhas de Sampa (São Paulo), Linhas do Mar (Caraguatatuba), Linhas de Santos (Santos), Bortaluta (Brasília), Pontos de Luta (Belo Horizonte) e até um coletivo de Nova Iorque denominado Mulheres da Resistência no Exterior.

Aquele negócio que começou com a gente fazendo um trabalho aqui na praça junto à meia dúzia, se transformou em um trabalho enorme. Entramos em contato com grupos que a gente sabia que existiam e apresentamos o projeto de bordado. Isso só foi possível graças à internet e aos Correios. O objetivo é fazer circular esse material e trazer destaque a memória. São mais de 40 painéis bordados com os nomes de várias é



pessoas com homenagens as pessoas, além de trazer destaque para a cultura e ciência (Entrevista 9).



FIGURA 4: página do Instagram do Linhas do Rio. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/CVsVXKWraR1/?img_index=1

Além de postarem a iniciativa nas redes sociais, as bordadeiras levavam esses bordados com nomes para manifestações e os expunham em locais públicos, com o objetivo de fazer quem passasse se lembrar da dor e sofrimento causados pela pandemia.

O afeto e a pandemia

Iniciativas como a citada anteriormente ajudam a compreender a relação dos movimentos sociais com o afeto para além da interação entre os atores, pois surge de uma noção de empatia com vítimas de um vírus que atingiu o mundo todo, em um momento em que os líderes políticos do país falavam sobre prejuízos econômicos e tratavam as mortes como meras estatísticas. Foi necessário que gerassem, como apontado por Oliveira (2015), forças contra hegemônicas que humanizassem a política.



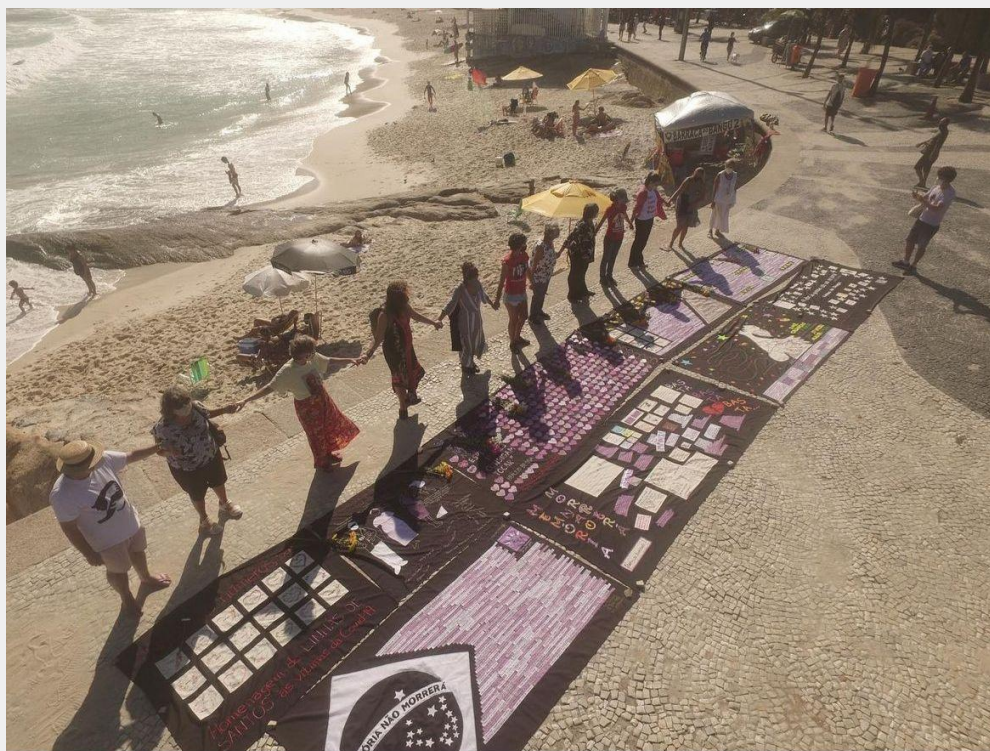


FIGURA 5: Página do Linhas do Rio no Instagram. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CPNDuT7JwkX/?igshid=MzRlODBiNWFlZA%3D%3D>

Durante as entrevistas, as bordadeiras explicam que os coletivos foram essenciais para manter suas sanidades em um momento tão delicado, já que se sentiam menos solitárias podendo contar com uma rede de mulheres para conversar e expor suas angústias.

“Eu acho que especialmente durante a pandemia só sobrevivemos com sanidade graças ao coletivo, porque a gente conseguia fazer alguma coisa juntas, mesmo estando cada uma no seu canto, cada uma na sua casa. Graças a isso e graças a internet era possível que a gente se reunisse, se olhasse e se encontrava também” (Entrevista 7).

Novamente evidenciam a importância da identidade coletiva e as relações interpessoais entre as ativistas. Em um momento desesperador, o coletivo permitiu que não se sentissem tão sozinhas e trabalhassem suas angústias através da expressão artística do bordado. Os laços emocionais são fortalecidos pelas experiências e dores compartilhadas entre si, destacando a ideia trazida anteriormente sobre a força do cuidado entre ativistas.



Dentre os coletivos entrevistados, um deles surgiu da necessidade de se ocupar durante o período de reclusão. Antes da pandemia, a Entrevistada 1, uma das bordadeiras que ajudou a fundar do grupo, vinha se envolvendo com projetos de bordado que ressignificavam a prática e através da bordação de histórias, porém, o avanço do vírus levou-a interromper seus projetos. Ela relata que a reclusão lhe causava sentimentos de solidão, e que isso a incentivou a iniciar um projeto denominado “Fio às Cinco em Pontos”, que consiste em lives na plataforma Instagram dedicadas ao bordado. O projeto existe desde maio de 2020 e a permitiu se conectar com mais de 350 bordadeiras e artesãs de todo o Brasil, em que muitas relatavam compartilhar desse sentimento de solidão.

Por já estar familiarizada com os coletivos de bordado político e ter tido essa trajetória de bordar narrativas, a Entrevistada 1 acabou contatando uma das mulheres que sempre marcava presença em suas lives, e fundam seu próprio coletivo, o Linhas da Gamboa. Devido a situação da época, inicialmente se encontravam formato virtual, mas hoje já conseguem ocupar as ruas e expor seus bordados. As integrantes que começaram a bordar nesse período de reclusão afirmaram ver no bordado uma forma de “não adoecer psiquicamente”, pois além de as manterem ocupadas, conseguiam manifestar suas insatisfações com o governo e a situação política, fazendo críticas para além das relacionadas a negligência com a corona vírus.

“Acho que a pandemia potencializou artes manuais no geral, nos deu um tempo que havíamos perdido com nós mesmos no mundo capitalista, em que passamos o dia fora de casa e não conseguimos cuidar de casa – isso para quem não adoeceu, e evitava adoecer psiquicamente. Por isso resolvemos a fazer o bordado livre, que não o mesmo ensinado às suas mães, com tanta disciplina” (Entrevista 1).

Apesar de surgido em um momento diferente, o coletivo segue a mesma lógica de uma ser uma rede de apoio de mulheres e de ser uma forma em que conseguiram suprir sua necessidade de expressar seus anseios e insatisfações com a política. Conforme explanado pelas bordadeiras que foram entrevistadas, os coletivos exemplificam a ideia de Melucci (1995), em que investimento emocional é essencial



para compreender suas identidades coletivas, já que até mesmo suas pautas carregam sentimentos.

A entrevistada 2, do mesmo coletivo, acredita que a pandemia trouxe um crescimento do movimento de bordado político, pois: “Naquele período houve grande vontade de se expressar contra o que estava posto no governo dos últimos 4 anos, e assim muitas encontraram no bordado uma forma de se manifestar”

Em casos como esse, é intrigante observar como inicialmente muitas mulheres recorreram ao bordado como forma de combater o ócio, assim como faziam nos séculos passados, porém, diferente de como se costumava argumentar, ele não aparece mais como um incentivo à sua alienação, e sim o oposto, se politizando cada vez mais. A partir do bordado elas manifestavam seus sentimentos em relação a diversas injustiças que acometiam o país durante uma emergência sanitária.

Considerações Finais

O bordado político tende a ser algo chamativo e afetuoso por carregar esse caráter artístico e ser realizado artesanalmente por mulheres mais velhas. Porém, quando analisamos esses coletivos, eles se tornam ainda mais intrigantes, pois toda a origem do bordado representa o oposto do que os coletivos trazem. Diferente do que os coletivos fazem hoje, em que bordam nas ruas de forma consciente, expressando abertamente suas demandas, antigamente era algo doméstico e que contribuía para manter mulheres na posição de submissa e alienada

A divisão do público e privado feita entre homens e mulheres impactou diretamente a vida das mulheres. Não possuíam autonomia, e sendo excluídas da vida pública, conseqüentemente eram excluídas da vida política, como colocado por Susan Okin (2008, p. 314): “o que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune em relação à dinâmica de poder”. Portanto, as atividades domésticas quando recaem de forma quase total sobre mulheres acabam atrapalhando-as em se entenderem como indivíduos e reconhecer suas necessidades.

As mulheres que encontraram no bordado uma forma de se manifestarem rompem com essa exclusão política e reivindicam o bordado como algo que vai muito além de uma forma de se ocupar, sendo tanto uma forma de se manterem ativas



politicamente, como também de manterem suas vidas sociais ativas durante a terceira idade. Essa forma de atuar politicamente também revela a necessidade que as pessoas sentem de se manifestar, pois como foi relatado por muitas das mulheres entrevistadas, mesmo quando já haviam se afastado de atuações políticas ainda não estavam satisfeitas com muitas atitudes do governo, e por já estarem em uma idade mais avançada precisavam de um instrumento que estivesse ao seu alcance para manifestar suas insatisfações, uma espécie de ativismo calmo.

E como o bordado também tendia a ser negligenciado e tido uma forma inferior de fazer arte, também o ressignificam como uma expressão artística, expondo-os nas redes sociais, nas ruas e até mesmo em museus. Se afastam de noções hierárquicas de arte, e utilizam positivamente a técnica do bordado livre.

No mais, ao contrário do esperado, em que ao escolherem um objeto ligado a práticas patriarcais mantivessem suas manifestações voltadas a temas de justiça de gênero e feminismo, as bordadeiras se mostraram extremamente amplas em relação as pautas defendidas. Todos os coletivos se mantem atualizados sobre a política no país e fazem questão de se movimentarem sobre temas que defendem, conservando seus ideais e ideologias.

Conforme o que foi relatado durante as entrevistas, a importância das emoções também se dá ao fato que o público-alvo se emociona ao ver essas mulheres bordando pelas ruas. Os bordados possuem essa característica familiar, e por isso, chama atenção de quem os vê, mesmo que não estejam necessariamente interessados na pauta, o fato da arte lhes trazer sentimentos afetuosos faz com que se sintam mais abertos para debater política.

Os coletivos também revelaram ser algo além de uma ferramenta para se manifestarem politicamente, mas uma rede de apoio, em que essas mulheres nutrem carinho, respeito e amizade umas pelas outras. As ideias trazidas por Melucci (1995) ajudam a compreender como a partir da criação de vínculo emocional baseado em experiências compartilhadas cria-se a identidade coletiva do grupo. A empatia e solidariedade entre as integrantes se faz essencial para conseguirem manter o grupo em ativo, já que veem nele uma base apoio pessoal e político.



Em conclusão, o relatório buscou apresentar uma forma de ativismo menos óbvia que revela muito sobre sentimentos, historicidade e desejo de participar da vida política. O movimento das bordadeiras políticas destaca a capacidade transformadora das mulheres de reinterpretar e reconfigurar práticas culturais, empregando-as como meio de expressão e instrumento de mudança social. Elas transformam os significados que o bordado carrega sem se desfazer de sua história. No mais, revelam a importância do afeto em movimentos sociais, pois este faz com que as ativistas criem sentimentos afetuosos umas pelas outras, além de utilizarem o afeto e empatia como ferramentas para atrair mais pessoas para as causas que defendem.

Referências Bibliográficas

MELUCCI, Alberto. The Process of Collective Identity. In: Social Movements and Culture. University of Minnesota, 1995.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o Público e o Privado. Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 2, p. 305-332, 2008. Tradução de: Flávia Biroli.

OLIVEIRA, Gacira. Razões e emoções da luta feminista para sermos livres e pelo Bem Viver. In: Cuidado Entre Ativistas: Tecendo Redes para a Resistência Feminista. CFEMEA – Centro Feminista de Estudo e Assessoria, Brasília, 2015.

TAYLOR, Vera; RUPP, Leila. Loving Internationalism: The Emotion Culture of Transnational Women's Organizations, 1888-1945. Mobilization: An International Quarterly 7 (2). 2002.

TILLY, Charles. Contentious performances Cambridge: Cambridge University Press. 2008.

